



## A PROBLEMÁTICA DO SENTIDO NO TEXTO

Mauro Martins Cardoso<sup>1</sup>

As teorias que procuram dar conta de explicitar o sentido no texto são muitas. O diálogo entre elas é sempre necessário quando se deseja investigar certos fenômenos linguísticos que ocorrem no exercício da linguagem. Resumindo, há teorias que pretendem investigar como o texto se estrutura baseando-se por estudar a organização linguística interna enquanto outras fazem um caminho inverso ao considerar a exterioridade como constitutiva também do significado. Concordamos que as relações que regem a construção de sentido no texto são internas à sua organização linguística, à medida que os fatos linguísticos demonstram relações com outros textos.

Por exemplo, no dia 29 de dezembro de 2013, Eliane Cantanhêde, jornalista e colunista na área de economia e política, publicou, na versão eletrônica da Folha, um texto intitulado **Presente de grego no Natal**. O texto critica o governo por incentivar gastos no exterior em vez de aquecer a economia interna. Segundo a colunista, os brasileiros movimentaram o comércio, gerando empregos em outros países no ano passado. Em 2013, brasileiros deixaram no exterior cerca de US\$ 20 bilhões de dólares, escreveu a jornalista. O resultado foi o pior natal em 11 anos. O “presente de grego” que o governo deu aos brasileiros no final de 2013, conforme Cantanhêde, foi um pacote bem embrulhado contendo só aumentos: do IOF, dos preços internos abusivos e da punição aos cartões de débito em moeda estrangeira. Vejamos:

- (1) Na versão **cor de rosa** do governo, tudo isso é resultado do sucesso: o país está **bombando**, e os brasileiros estão cheios de **amor para dar** e com **montanhas de dinheiro** para viajar e gastar. Mas a realidade é outra e tem um nome: preço. Os preços no Brasil estão **pela hora da morte**. (grifos meus).

É recorrente nos textos da jornalista o uso de clichês e frases de senso comum, consagrados popularmente. Esses usos linguísticos evidenciam representações coletivas fruto de discursos partilhados socialmente. O clichê, a ironia e a metáfora são recursos da língua que

<sup>1</sup> Licenciado em Letras Português / Inglês pelas faculdades integradas Santa Cruz de Curitiba. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Tecnológica do Paraná - UTFPR. Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Área de pesquisa: Gênero, Estilo e Ethos.

são agenciados pela colunista da Folha de modo a obter determinado efeito de sentido para conquistar a adesão do leitor às ideias por ela postuladas. Essas escolhas também marcam a posição ideológica e sociopolítica da autora. Não há nada de fortuito no uso da linguagem.

Buscando-se interpretar o fragmento (1), percebe-se claramente que o sentido não está posto se se tomar como base somente as relações linguísticas do texto em si. A semiótica francesa, teoria a qual Benveniste se filia (1989, 1995), trata do discurso pondo ênfase na estrutura linguística. No entanto a questão colocada por Benveniste vai além da dicotomia saussuriana língua/fala, a qual Benveniste segue de perto.

No capítulo “Os níveis da análise linguística”, Benveniste (1995) trata a análise de cada unidade linguística simultaneamente de acordo com sua distribuição no mesmo nível e integração no nível superior. A relação distribuição/integração de Benveniste permite-nos ver o texto como um objeto atravessado pela enunciação. Essa teoria é ilustrada em outro capítulo intitulado “Estruturas da relação de pessoa no verbo”, em que o autor analisa pronomes ditos “pessoais” e a distinção entre “pessoa” e “não-pessoa”. Ao eleger a língua como objeto de estudo linguístico, Benveniste a considera de arquitetura complexa por organizar-se como um sistema orgânico de signos linguísticos, cuja análise deve levar em conta a noção de nível.

A noção de nível, segundo as operações de *segmentação* e de *substituição*, permite verificar a relação existente entre os constituintes dentro dos eixos sintagmático e paradigmático a fim de se verificar seu status linguístico, afinal, o “*sentido é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter status linguístico.*” (Benveniste, 1995, p. 130). Além das questões que envolvem a noção de nível, Benveniste volta-se à palavra e sua unidade de nível superior: a *frase*. No entanto, importa-lhe encontrar o princípio que governa unidades de diferentes níveis. Isso sinaliza que a resposta está na relação FORMA e SENTIDO.

No recorte de exemplo (1), as expressões negritadas (“cor de rosa”, “amor pra dar” e “pela hora da morte”) são clichês ou expressões de senso comum. Partindo então da metodologia dos níveis para se chegar à análise de clichês, percebe-se que, na relação entre elementos de mesmo nível (distribucional), a segmentação em unidades menores não é possível no caso dos clichês, pois essas entidades linguísticas são unidades estruturais (signos) - sem possibilidade de substituição lexical-, que só podem ser integradas em um nível superior: a frase. Voltando para exemplificar a questão forma/sentido, a **FORMA** nos é dada quando reconhecemos unidades que tem capacidade de dissociação. Já o **SENTIDO** nos é dado quando reconhecemos unidades que tem capacidade de integração.

A questão da dicotomia forma/sentido de Benveniste coloca o tema da significação no seio da linguagem, ao mesmo tempo que o linguista aprofunda seu aspecto semântico. Ao afirmar que a “linguagem significa”, defende que o significado não é algo que se lhe acrescenta. Com essas afirmações, Benveniste ultrapassa a concepção saussuriana bipartida de signo

(significante/significado), e diz que o significado não é imanente, mas construído nas relações sintagmáticas (eixo horizontal) e paradigmáticas (eixo vertical) com outros signos dentro do sistema. E há algo da exterioridade que colabora também para a construção do significado. Para Benveniste, há duas concepções de língua: a língua como forma é semiótica, e a língua como sentido é semântica. De qualquer forma, a semântica também é construída por referência externa. Nesse sentido esclarece o linguista:

Há então uma MODELAGEM SEMIÓTICA que a língua exerce e da qual não se concebe que o princípio se ache em outro lugar senão na língua. A natureza da língua, sua função representativa, seu poder dinâmico, seu papel na vida de relação fazem dela a grande matriz semiótica, a estrutura modelante da qual as outras estruturas reproduzem os traços e o modo de ação. (Benveniste, 1989, p. 64).

Justificada a questão semiótica (forma) da língua por Benveniste, a noção semântica benvenistiana é a concepção de língua como ação (sentido), porque mediadora “*entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas*”, é o sentido construído pela expressão do pensamento do locutor, o qual se serve dos signos linguísticos sempre em relação paradigmática. Então, para deixar claro, enquanto a semiótica caracteriza uma propriedade da língua, a semântica caracteriza o resultado da atividade do locutor, que põe a língua em uso. Se o signo semiótico trata das coisas da língua (o que lhe é intrínseco), tratemos do sentido enquanto aplicação particular, aquilo que se liga às coisas fora da virtualidade da língua, que implica referência à situação comunicativa (o discurso) e à ação do locutor. E as ações de um locutor se organizam em frases, ações de enunciar, ou melhor dizendo, nos termos de Benveniste, *produtos da enunciação*.

## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**: tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luíza Neri; revisão do prof. Isaac Nicolau Salum. 4 ed. São Paulo: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**: tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1989.